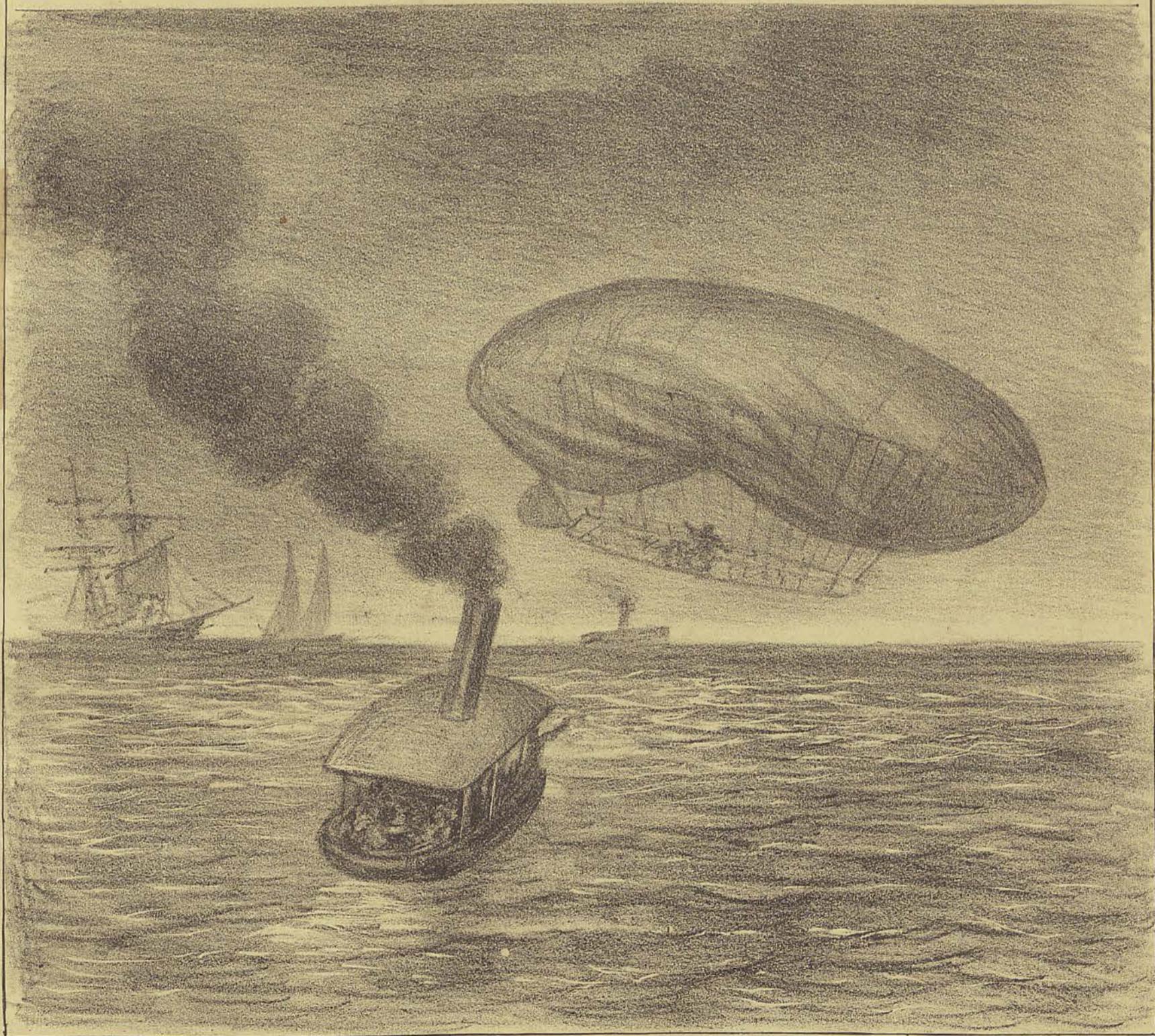


DON QUIXOTE

de Angelo Agostini

Largo da Carioca N.º 4 (Sobrado)



Nova victoria do Santos Dumont. Tendo rasgado seu balão, desceu descrevendo longa spiral, dando tempo a que as embarcações viessem recebê-lo. Ao saltar em terra sob indescriptivel ovacão, foi elle felicitado pelo povo. Isto passou-se hontem 14 de Fevereiro de 1902.

O DON QUIXOTE

Rio de Janeiro, 15 de Fevereiro de 1902

Escriptorio e Redacção

LARGO DA CARIOCA N. 4

SOBRADO

PREÇOS DAS ASSIGNATURAS

CAPITAL		ESTADOS	
Anno.....	25\$000	Anno.....	30\$000
Semestre.....	14\$000	Semestre.....	16\$000
NUMERO AVULSO 1\$000			

EXPEDIENTE

AVISO

Rogamos aos nossos assignantes, o obsequio de mandarem reformar suas assignaturas, afim de não termos o desgosto de suspender a remessa da folha.

A importancia da assignatura, poderá ser enviada em carta registrada no correio, com o valor declarado, ou em um vale postal.

Toda a correspondencia deve ser dirigida a Angelo Agostini, largo da Carioca n. 4, sobrado.

Temos o desgosto de avisar aos nossos assignantes, ainda devedores das importancias de assignaturas do anno findo, que, nesta data, suspendemo-lhes a remessa da folha.

CARNAVAL

Ao contrario de todas as expectativas o carnaval deste anno teve brilhantismo e animação grandes—muito superiores aos dos annos anteriores.

E' assim. Diga-se ainda que somos um povo triste, que não ha dinheiro, que o povo carioca não tem amor ás suas tradições nem as sabe guardar.

Chegou o Carnaval e lá se fóram todas as affirmações tão cathgoricas quão pessimista no mesmo desmentido jovial, louco, gargalhado entre um estridor de clarim e um farfalhar de pandeiro, pontuado pelo zabumbar dos Zé Pereira.

E mais, para provar quanto este povo

é agarrado ás suas tradições e aos seus amores velhos,ahi está o entusiasmo delirante, infinito com que todos os fluminenses moços e velhos, senhoritas e matronas atiraram-se ao entrudo como nos tempos de nossos avós.

Como antigamente, o principal divertimento do Carnaval de 1902 consistiu em arranjar bronquites e pneumonias molhando-se uns aos outros á porfia, cada qual com mais denodo, com mais calor e principalmente com mais agua.

Tudo quanto a imaginação podia imaginar de mais aperfeiçoado e efficaz para jorrar agua nos transeuntes foi posto em pratica por toda a cidade, Os rapazes *chis* com seringas complicadissimas de longos tubos que se sahiam pelo alfinete da gravata atirando agua a metros de distancia, e as vezes garrafas de siphon, a que as senhoritas respondiam com relógios-bisnagas e copos d'agua. As matronas e os papás iam mais longe. Eram bacias d'agua que atiravam com grandes gargalhadas.

Emfim não faz mal. Medicos não faltam, a liga contra a tuberculose ali está.

O confetti foi vencido na lucta com a agua (pudera, agua não custa vintem!) Mas assim mesmo esses papeisinhos, apesar de apparecerem em menor quantidade, tiveram graça e importancia rara porque combinados com a agua davam effeitos impagaveis; apoz um esgricho de bisnaga os punhados de confetti collavam-se aos rostos dos foliões e mascaravam-os da mais grotesca de todas as maneiras.

E foi este o divertimento popular apesar da prohibição da policia—um entrudo sem limites desbragado, como ha 40 annos ou mais não havia no Rio de Janeiro.

Outra nota importante do Carnaval foi a decentralisação das festas promovida por varias sociedades que fizeram passeiadas e sahiram prestitos pelos arrabaldes.

Tambem as grandes e antigas sociedades carnavalescas os *Democraticos* e os *Fenianos* sahiram a rua com grandes prestitos recebendo applausos sem conta.

E a animação popular foi extraordinaria.

Um bello carnaval!

Uma das mais bellas notas do Carnaval de 1902 foi a perfeita ordem que reinou durante os tres dias por toda a

parte, não havendo conflictos nem provocados pelas passagens dos prestitos, nem pelos encontros dos grupos, nem pelas aglomerações. nem pelo entrudo.

Rejubilando com acontecimento tão raro no Rio de Janeiro compete-nos elogiar franca e sinceramente o policiamento da cidade, feito não só pela policia civil e militar, como pelos contingentes do exercito e as forças de marinha desembarcadas especialmente para este fim.

A' policia cabem os melhores elogios pela organisação do serviço, fazendo com que os cordões e grupos atravessassem a rua do Ouvidor em uma só direcção, dirigindo com rara habilidade e cuidado a circulação das carros, mantendo em todas as esquinas soldados bem industriados para evitar atropellos e obtendo milagrosamente um movimento constante, conseguindo que não houvesse em um só ponto, nem mesmo na rua do Ouvidor, os agrupamentos exagerados, esses apertos que tornam a passagem do canto da rua Gonçalves Dias uma empreza heroica e ousada.

Tudo sem violencia, pela persuasão e cuidado prevenido, as providencias moderadas e conselhos sempre gentilissimos.

Em toda a parte, quer nas ruas quer nos theatros o povo divertiu-se franca e livremente, sob a guarda attenta da policia, sem que a sua intervenção motivasse um um só dos costumados conflictos.

A todos, pois, delegados, supplentes, agentes, soldados devemos elogios pela moderação e boas maneiras com que souberam cumprir o seu dever.

E' tão raro e tão bom poder dizer isto!

Apezar porem d'esse excellente serviço um caso isolado e inevitavel manchou de sangue as festas carnavalescas d'este anno.

Um grupo de descordeiros, premeditara vingança contra os socios de um grupo de foliões e atacou-o quando este passava constituido em cordão pelas ruas de Botafogo.

Assaltados a faca e revolver as victimas desprevenidas foram dispersadas, ficando por terra um morto e um ferido gravemente.

Esse caso deu lugar a uma cerimonia fantasmagorica, de um grotesco macabro e de um sentimento inaudito. O crime, nota tão chocante a meio de toda essa alegria,

todo esse ligeiro estouvamento que por ahí houve, devia ficar ecoando, em um destaque barbaro, sobre todos os acontecimentos do Carnaval.

Tal se não dá, porem, a essa impressão revoltante outra succederá de certo no espirito de quem souber, como os companheiros fieis de Antonio Angelino Gonçalves e Jorge Neves dos Santos souberam fazer-lhes os enterro, interrompendo todo o folguedo, todo o alarido delirante com que essas ruas estremeceram nestes tres dias, para, compungidos, pondo todo o coração nos labios que tão nostalgica cantigas desferiam, seguir os camaradas mortos á sua morada derradeira.

Ao enterro, que as familias das victimas custearam, pondo-lhes sobre o caixão sentidas coroas, acudiram todos os bizarros filhos da *Estrella Dous Diamantes*, outros grupos acudiram, numa commovente solidariêde.

E posto os caixões sobre os carros, tendo rompido o prestito, os cordões seguiram atraz, com os seus estandartes, que o vento racudia em eloquentes adeuses, os seus pandeiros, cujo som ribombante parecia salvar funeraes, todos os seus violões plagentes, todas as suas chorosas violas.

E por sobre esse grande prestito de luto carnavalesco, por sobre essa romaria em que Momo dava o braço á Morte, a nostalgica toada dos cordões abemolava-se ganhava suavidade e solemnidade, como um sagrado *requiem*, pairando sobre o paganismo macrabo das caraças e das multicoles vesies roçagantes.

Foi assim que o enterro do *Boi* e do seu companheiro de folia e de infortunio percorreu as diversas ruas até o cemiterio de S. João Baptista, a cuja porta a mascarada tragica parou, comprindo o terno dever que até alli a conduzira, entre a confusão attonita do populacho e as flores que das janellas lançavam as familias commovidas.

Assim se desfez e se calou de todo, á entrada da grande mansão da paz e do esquecimento, a cerimonia funebre dos malaventurados filhos da *Estrella Dous Diamantes* — hymno de gloria e delirio, desfeito em cantoção, careta entrecorta de soluços, gargalhada de Momo estorcegada em lagrimas...

AS CARNES

Se ha ossos duros de roer nenhum é tão prodigiosamente difficil de engulir como todas estas carnes mais ou menos garantidos por mandatos de juizes, que lá sabem o que fazem e tem tribunaes superiores que os sustentem.

Esta semana tivemos a pandega carnavalesca a substituir dignamente a não menos pandega embrulhada dos juizes e da administração de districto, uma pilheria que se dizia existir o que o Godofredo Cunha fez desaparecer com um sopro ou antes com um *assommo* ja sciencia e respeito as leis, taes como elle as entende.

Felizmente o carnaval é inofensivo, não nos demoralisa nem prejudica. Tivemos nós Zé pereira todos os dias; vinte cordões zabumbadores em vez de um só de cada um dos mandados que nos tem assollado, pondo em risco os nossos estomagos, a nossa dignidade e as nossas algibeiras, com as futuras e infalveis indemnisações.

Passaram mais dias e tudo continuou na mesma escandalosa especulação, o Rio de Janeiro a receber carne verde de varios matadouros irregulares, sem fiscalisação medico legal, sem pagar imposto, desorganizando o serviço de hygiene, desfraudando os cofres publicos, atrapalhando as leis, envolvendo na mesma desmoralisação, tribunaes, juizes, prefeitura, e toda a administração do districto federal.

URBANO DUARTE

No segundo dia de Carnaval appareceu inesperadamente a triste noticia da morte de um dos mais joviaes, e agradaveis de nosso chronistas, o major Urbano Duarte, que ha trinta annos, com pseudonymos diversos, maninha em varios jornaes, simultaneamente secções scintillantes de verve facil, espontanea, esfusiante, inegotavel.

Natural da Bahia, Urbano Duarte veiu estudar nesta capital abraçando a carreira das armas onde tinha o posto de major do corpo de engenheiros.

Nas letras cultivou a ingrata tarefa de jornalista alcançando invejavel e justissimo renome.

A noticia encherá de tristeza os corações de todos aquelles que ha tanto tempo acompanhavão nas columnas do jornal os trabalhos do conhecido homem de letras. Elles enchiam o rodapé umavez por semana e erão buscados por um publico todo especial, que se deleitava naquella prosa amena e scintillante, onde se entrelaçavam casos curiosos e successos de importancias com faceias de bom gosto, tudo em um estylo chão e claro, que não excluía nem a elegancia nem a levesa.

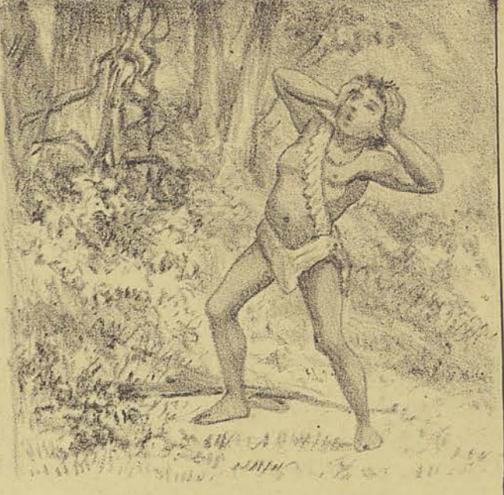
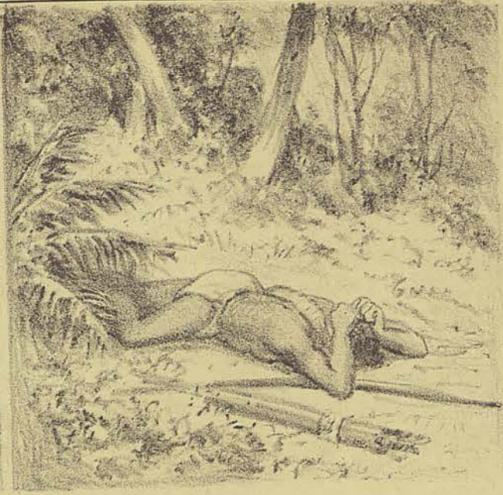
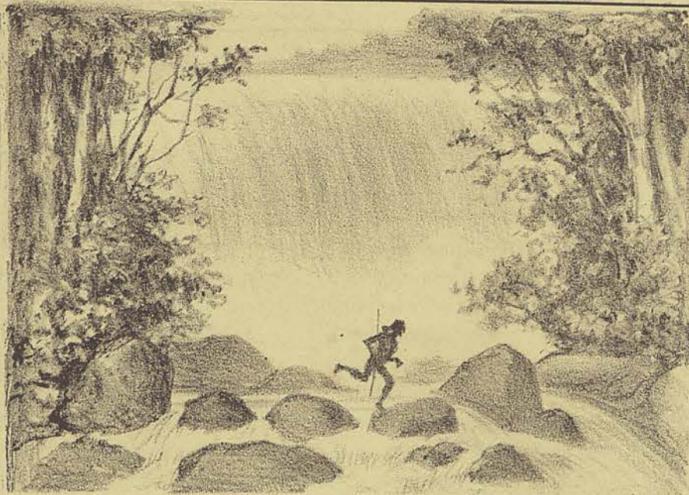
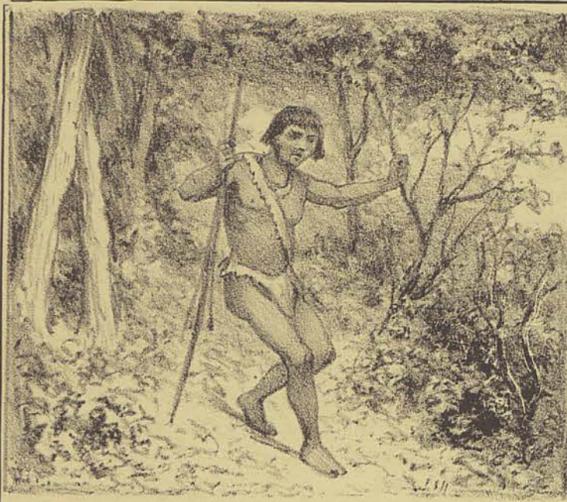
Urbano Duarte era um trabalhador infatigavel e nas horas de lazer que deixava o seu magisterio na Escola de Tactica escrevia constantemente para outros jornaes, sendo rara a folha ou revista onde no periodo dos ullimos trinta annos o seu nome, os seus pseudonymos ou as suas iniciaes não apparecessem ao menos uma vez.

Ainda ultimamente publicava um livro militar que intitidou *O Livro do Soldado*, obra que encontrou em todo o Brazil um excellento acolhimento. Mas a contribuição quotidiana deste homem de letras no jornalismo desta Capital e no do Estado de S. Paulo é quedá bem a medida da fecundidade que distinguia da grande maioria dos nossos escriptores.

Pela imprensa do Rio, no Jornal do Commercio sob a inicial de *G.*, em outros, sob pseudonymo de *J. Guerra*, e pela imprensa dos visinhos Estados, em chroniquetas assignadas *U. B.*, fica espalhado o que de melhor produziu aquelle que, com grande tristeza para os que viveram na intimidade da sua alma e do seu caracter, desapareceu da face da terra.

Character lhano, sincero e cordial, de sentimentos pouco expansivos mas nobres, Urbano Duarte deixa a tradição de um companheiro affectuoso a cuja bondade se ligaram todos os corações como todos os espiritos intellectuaes desta cidade se havião ligado a elle desde que a sua estrêa na imprensa desde logo revelou o escriptor que elle veio a ser mais tarde.

Esses dous raros predicados Urbano Duarte concorreram para que no Exercito, a cuja classe elle pertencia como Major do Estado-Maior, seja a sua perda igualmente sentida. Mas não sabemos se nessa magua commum será mais forte o pezar dos que com elle mourejaram na vida de imprensa, porque nós parece que a esta é que elle



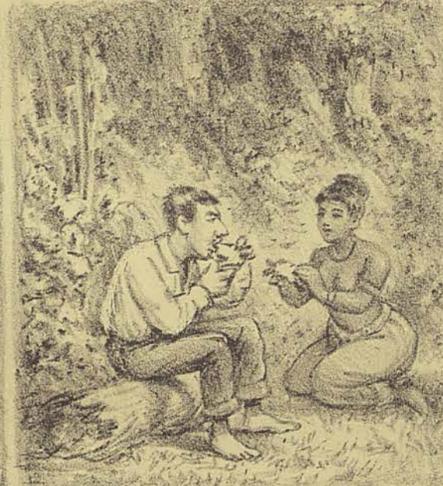
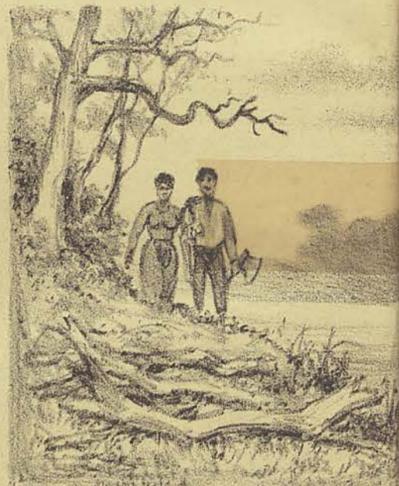
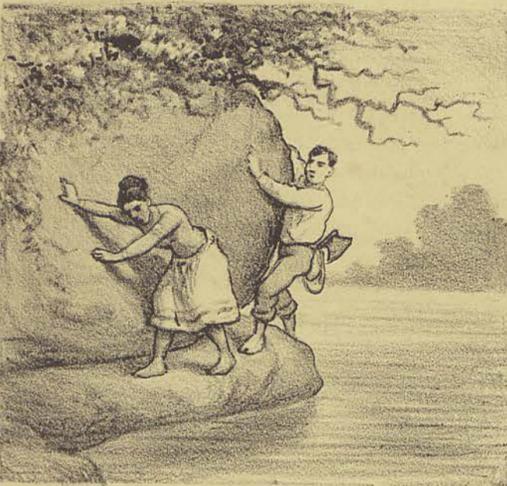
Um dos indios do Mundurucú-assú em lugar de atravessar o rio sobre a fatal ponte, preferiu seguir a margem esquerda até à cascata e ahi, descendo por entre a matta,

atravessar o rio, pulando de pedra em pedra, afim de alcançar a outra margem e melhor surpreender os fugitivos.

Foi justamente no meio do trajecto quando atravessava o rio, um tremendo grito lhe fez levantar a cabeça. O que os nossos leitores já sabem.

Aterrado ante tamanha desgraça que victimava o seu chefe, a filha deste e todos os seus companheiros, o indio entregou-se ao mais profundo desespero.

Afinal, levantando-se resolvido a deixar esse lugar que tanto o entristecia, soltou um grito dilacerante. Esse grito era um nome e este nome o de Inayá!...



A india e o nosso Zé voltaram pelo caminho percorrido por este para salvar Inayá, que muito se admirou das dificuldades que Zé vencera. Elle mesmo, nem sabia como tinha passado por taes logares.

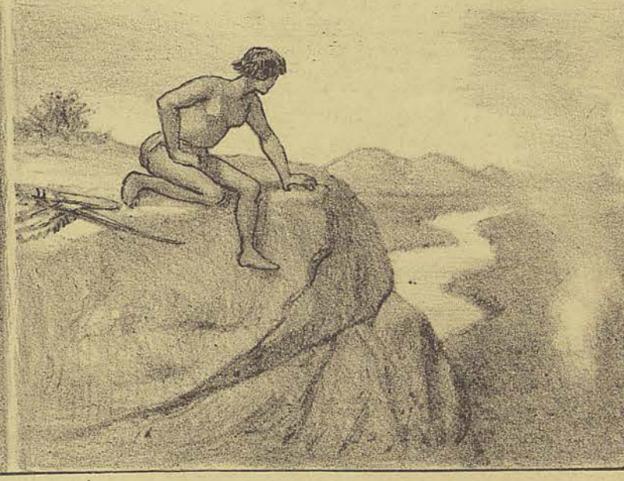
De repente, a filha do cacique estacou e empallideceu. Parecia-lhe ter ouvido, ao longe, pronunciar o seu nome—E' impossivel, disse Zé, elles morreram todos. E os nossos fugitivos continuaram a caminhar.

Não tardaram a encontrar o lugar onde se travara a lucta. Da ponte só restavam os galhos que tinham cortado.

Estes serviram para construir uma choupana. Zé encarregou-se d'esse serviço em quanto Inayá tratava de preparar o almoço.

Afinal! disse Zé, vamos comer o famoso tatu. E com uma fome decoradora, o nosso heróe comeu, por sua parte, quasi a metade.

Resolvidos, por enquanto, a acampar nesse lugar, a choupana não tardou a ser coberta de folhas de palmitos que Zé cortava no matto e Inayá arranjava do melhor modo.



A' tardinha estava tudo prompto. Sentados na pittoresca cabana, Zé parecia contente por terem escapado a tantos perigos; Inayá, porém, estava apprehensiva — O que tens? perguntou Zé.

—Aquelle grito, em que ouvi distinctamente o meu nome, faz-me recear novo perigo. Só Cham-kam seria capaz de o pronunciar — Porque? Porque ama-me e meu pai me promettera a elle por ser o mais talente da tribu; se elle nos encontra matar-nos-ha.

—E' o que faltava! disse Zé que tratou logo de procurar um revolver na sua mala. —E' inutil; só o fará que esticermos desprevenidos e pondo-se de tocaia.

Depois de varias considerações pró e contra a probabilidade de serem descobertos, os fugitivos resolveram deitar-se sem todavia accender fogo para não despertarem a attenção. A principio, a india tentou luctar contra o somno, mas, exhausta pelas judigas porque passára, adormeceu.

Cham-kam fôra collocar-se no alto de uma pedra para d'ahi precipitar-se no abysmo e morrer. Uma columna de fumaça e uns golpes de machado chamaram a sua attenção. —Deve ser o prisioneiro, pensou elle; e um sorriso feroz e vingativo desenhou-se-lhe nos labios. (Continúa.)

procurou deixar o seu nome ligado por maiores vinculos e nesta é que o seu nome se popularizou ao lado dos jornalistas e escriptores que melhor incarnam a vida litteraria do Brasil contemporaneo.

PILHERIA

A Sra. Palhares distincta brasileira, foi victima em Buenos Ayres de violencias da policia mal informada por um inimigo pessoal. Immediatamente o nosso ministro e o nosso consul em Buenos Ayres, protestaram energicamente e deram todas as providencias que o caso exigia; durante oito ou nove dias o ministro brasileiro conferenciou com as autoridades argentinas acompanhando o inquerito que foi feito para apurar as responsabilidades.

Agora terminado tudo, já de regresso a Sra. Palhares, que foi acompanhada a bordo na capital platina, pelo sub-prefeito de policia que lhe foi apresentar desculpas e pelo ministro e consul brasileiros, sahe-se o *Jornal do Brazil* com um artigo espalhafatoso perguntando que fez o governo brasileiro nesta occurencia, se recuamos com medo, por desprezo pelo povo [oh!!]

E logo apoz as pergunntas. sem esperar que alguém lhe mostrasse o telegrammas, passou a affirmar, que o governo não fez nada, que não seguiu o exemplo da Inglaterra movendo as suas esquadras e que cruzamos os braços deixando, impunemente agredida uma familia de compatriotas,

Hom' essa

Que mais queria o *Jornal do Brazil* que se fizesse, alem do que foi feito?

Que se declarasse a guerra a argentina, movendo a esquadra... ilha do *Jornal do Brazil* e se mandasse o coronel Marcio arrazar Buenos Ayres?

Que o proprio general Roca viesse ao Rio de janeiro com todo o ministerio pedir perdão ao *Jornal do Brazil*, de joelhos e a bater no peito.

Ora, collega! Confesse que o artigo foi uma pilheria carnavalesca que sahiu atrazada!

PIADINHAS

Um dia destes foram apanhados pela

policia em uma só circumscripção urbana trez malucos.

Trez num dia, que fartura! que ajuizada terra!

Consta que todos tinham a mania de ser juizes seccionaes e expedir mandados de manutenção.

Mas não tiveram manutenção das cabeças e d'ahi ao Hospicio foi um pulo.

* * *

—O' Raul: Porque diabo seria o entrudo tão forte este anno?

—Ora porque a policia o prohibiu. Queram mais claro ponham-lhe agua...

* * *

A *Gazeta* sahiu tão embonecada durante o *Carnaval* que, se não fosse escripta em portuguez poderia-se confundir com outro jornal.

* * *

A *Gazeta* publicou na terça-feira a noticia da morte de um homem.

Vem o *Jornal do Brazil* na quinta e diz que o mesmo homem está muito melhor, havendo esperanza de que se estabeleça.

Da morte?!

Está elle melhor da morte?!

Ahi ha embrulho. Ou a *gazeta* commetteu um assassinato ou o *Jornal do Brazil* fez uma ressurreição.

Acho bom *interviewiar* o morto para esclarecer o caso.

* * *

Houve um incendio terça-feira de *Carnaval* e o corpo de Bombeiros foi chamado.

Para que.

Andava pela rua tanta gente com cada bisnaga d'este tamanho!....

A CAPITAL

Appareceu no dia 13 em Nictheroy sob a competente direcção do nosso estimado collega Alvaro de Azevedo um novo jornal intitulado *A Capital*.

Proprera e longa vida deseja-lhe o D. Quixote.

NOTICIARIO

Santos Dumont continúa a fazer experiencias, evoluindo sobre a bahia de Monaco com o seu aperfeiçoado balão, diante de multidões delirantes de entusiasmo, que applaudem o intrepido brasileiro em seus esforçados trabalhos, admirando a facilidade com que a aeronave se dirige docilmente á vontade de Santos Dumont, pairando lá no alto e estendendo a longa bandeira branca onde se lê o distico glorioso: « *Por mares nunca dantes navegados.* »

Chegam diariamente as noticias das ascensões do nosso illustre compatriota.

Falta agora o telegramma annunciando a proxima experiencia do Sr. Severo.

S. S. não costuma dispensar esse trabalho cada vez que um novo triumpho vem elevar mais a gloria do «brinquedo» de Santos Dumont.

* * *

A imperatriz Eugenia e o Principe de Monaco tem-se interessado apaixonadamente pelas ascensões Santos Dumont e com elles multidão sem conta.

Ainda os ultimos telegrammas contavam que a sua ascensão de 11 do corrente foi presenciada por mais de trinta mil pessoas, applaudindo calorosamente.

Santos Dumont affrontando, victoriosamente o vento contrario, dirigiu-se ao cabo S. Martin, onde foi saudar a imperatriz Eugenia e o Principe de Monaco voltando depois a desembarcar proximo ao barracão da aeronave, sendo alvo de extraordinaria ovação.

* * *

O verão fez-se esperar mas parece que esteve ganhando forças.

Livra! As ruas estão quasi intransitaveis. Passou todo o carnaval sem chuva — caso virgem estes ultimos 20 annos. Em compensação temos tido sol em demasia.

Das 0 horas da manhã ás 4 da tarde é uma tortura inaudita andar pela cidade. O sol é abrazador, não ha a menor aragem, a mais leve brisa que attenua o seu fulgor, das pedras do calçamento sahe uma irradiação formidavel, um calor monstruoso, parecendo que toda a terra é uma immensa e terrivel fornalha.

Diversas trovoadas se tem armado por

ãhi mas desaparecem sem mais resultado e as noites, oh, as noites!

São talvez peiores do que os djas. Felizes os bemaventurados que fogem para as alturas, que vão para Petropolis, para Minas!

Felizes os que não estão como nós a escrever com 38 grãos à sombra...

* * *

Não ficou felizmente impune o crime do empastellamento do *Cachoeirense* no estado do Rio Grande do Sul.

O governo do estado, tendo noticia de que o delegado de policia do logar era co-participante no attentado, demittiu-o sem hesitação nem delongas.

Ainda bem. Mesmo porque, fóra dos argumentos da liberdade da imprensa e da opinião, o empastellamento de um jornal é um crime commum, um attentado contra a propriedade alheia que deveria levar ao banco dos réos do mesmo modo que qualquer roubo vulgar.

Infelizmente poucos dias depois deste houve outro empastellamento ainda no Rio Grande, o do *Município*, que teve as suas officinas inutilizadas par duas vezes e nenhuma providencia veio provar a inergia do governo e o seu decidido intuito de garantir a propriedade.

Ora esta!! O mais difficil era começar. Era preciso sustentar a nota.

* * *

Chegou a bordo do vapor *Wordsworth* o cadaver do malogrado Dr. José Hygino Duarte Pereira, representante da Republica Brasileira na conferencia *Pan-Americana*.

O corpo do illustre morto veio acompanhado por sua Exma. familia e foi recebido com todas as honras devidas aos seus altos meritos e aos relevantes serviços prestados a patria no terreno do direito e da justiça.

Ao seu enterro no dia seguinte concorreram os representantes das mais altas autoridades e corporações da Republica.

* * *

Está de passagem nesta capital o deputado Vorde Belli, que veio visitar diversos estados do Brazil e tem manifestado excellente impressão.

THEATROS

E' curioso: nesta terra ha cousas que têm uma nota original, local, que se fazem aqui de modo inteiramente diverso ao dos outros paizes e em que a mania imitadora, tão commum nos paizes novos, é vencida, esmagada por uma tendencia natural, irresistivel, que leva o povo o agir de accordo com os seus habitos immemoriaes e a commodidade tal como elle a entende.

Em questão de theatro o phenomeno é flagrante e são inumeras as circumstancias curiosas, que tem, verdade seja dita, causas bem patentes.

Exemplos:

O nosso publico não applaude. Entende ser *chic*. manter-se durante todo o espectáculo impassivel, sem manifestar o seu agrado—é verdade que também não manifesta desagrado. Deixa ao povo miudo das torrinhas o trabalho de bater palmas e chamar a scena os artistas. Deixa principalmente este incommodo á claque.

E está ahí exactamente a causa do mal. A claque applaude mal e applaude tanto que o publico se dispensa d'isto. D'ahí ficarem quietos desde que ha outros pagos para ter enthusiasmo.

Outro habito interessante é o que se dá com as noites de chuva em que os theatros ficam vazios ao passo que regorgitam nos outros paizes exactamente quando chove. Ahí a causa é o estado da cidade, perigosamente intransitavel á menor batega d'agua,

Todas estas observações vieram a proposito da anomalia de Momo-carnaval matar Momo-theatro no Rio de Janeiro.

O carnaval paralizou todo o movimento dos theatros com muitos dias de antecedencia.

O *Lucinda* suspendeu as representações da comedia de Gaveult e Berr—*Quasi!*— em pleño successo e o *Recreio* transferiu por quinze dias a primeira representação

do *Quo Vadis?* porque se o dêsse antes do Carnaval os folguedos inutilisariam a peça, como inutilisam toda e qualquer que os atravessam.

* * *

Para o Carnaval a empresa Dias Braga nem se atreveu a arriscar nenhuma das peças do seu infinito repertorio. Desencavou para os dias da Folia *O Diabo a quatro* uma revistinha a vapor que o Orlando Teixeira e o Demetrio de Toledo escreveram sobre a perna, ha 3 annos, para uma companhia transitoria organizada pelo actor Machado e que o Eduardo Victorino reformou reduzindo a dous actos.

* * *

O *Lucinda* esteve fechado os tres dias depois de dar no sabbado a 10^a representação do esplendido *Quasi!* em homenagem á imprensa fluminense.

* * *

Os outros theatros deram grandes baifes publicos que foram concorridissimos.

EMILIO FOGUETE

NOSSA ESTANTE

Recebemos e agradecemos.

—A *Revista da Semana*.

—A *Universal*.

—A *Rua do Ouvidor*.

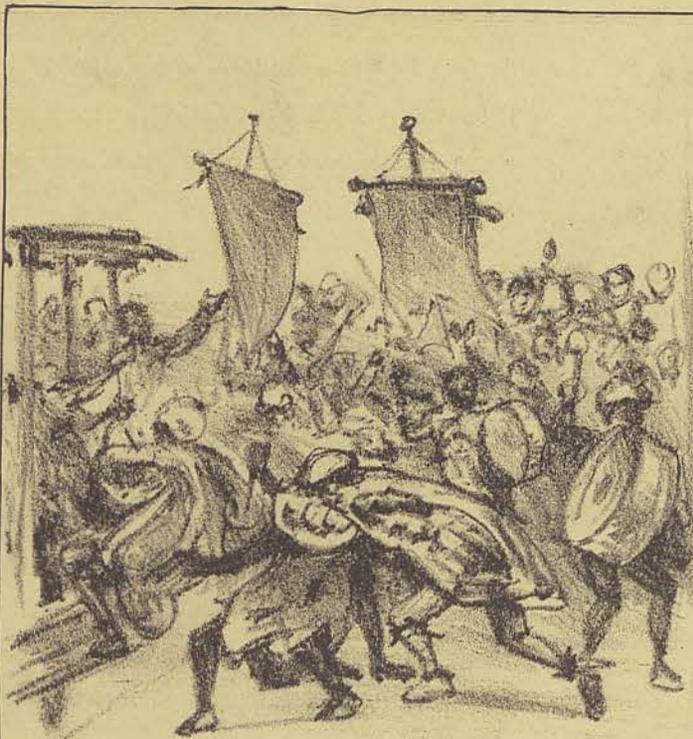
—O *Rapport du Comité d'action de l'Alliance Française* no Rio de Janeiro.

Almanach da Pharmacia e Drogaria G. Carvalho, Giffoni & C. muito interessante.

—*Hossana*, livro de poesias ds Sr. Menezes Wanderbej.

—Revista maritima.

—*Anthea*, peça em 3 actos estrahida de *Suivons-le* de Sienkievicz pelo Sr. Samuel Martins.



Crime carnavalesco.
O Cordão da Estrela dos dois diamantes
atacou o da Flor da Primavera, com
revolvers de... verdade!
Resultado: Dois mortos.

E, para não perder a nota pandega,
o enterro das vítimas foi também carna-
vesco, com acompanhamentos de bombo e
cantoria.



Quarta feira de Cinzas